

RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO ROQUE A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES

Jardelina Garcia¹

Josiane Oliveira²

Mailana Pereira³

Monique Brandão⁴

Vanusa Costa⁵

RESUMO

Para compreender os processos existentes numa determinada sociedade, faz-se necessário entender a formação deste lugar bem como as relações nele existentes. A história do bairro São Roque ainda não fora contada, como pode ser observado durante nossas tentativas perante aos órgãos municipais. Por esse motivo nossa pesquisa foi baseada quase que completamente na narração de memórias e na História Oral, pois entendemos que estes sejam uns dos melhores mecanismos para se compreender a história de um lugar e de seu povo. O artigo foi desenvolvido no âmbito do componente curricular “Ensino e Aprendizagem em História”, no Centro de Formação de Professores, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Campus de Amargosa - BA, com o objetivo de trazer dados referentes às transformações sociais, políticas, estruturais e econômicas do bairro no decorrer da história, bem como a sua participação na construção do município de amargosa. Metodologicamente utilizamos a análise documental, conversa informal e entrevista. Como aporte teórico nos embasamos em Freitas (2002), Bosi (2003), Frochengarten (2005), Lomanto Neto (2007), Zorzo (2007) dentre outros. Tais estudos, ao

¹Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

² Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

³ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

⁴ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

⁵ Graduanda do VI semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do Centro de Formação de Professores, Campus de Amargosa - BA.

partirem da realidade presente, revelaram no Bairro são Roque diversas transformações ao longo da história. Foi possível então compreender a realidade presente desse espaço de forma mais ampla.

Palavras-chave: História oral, Amargosa, Bairro São Roque.

ABSTRACT

To understand existing processes in a given society, it is necessary to understand the formation of this place as well as relationships existing therein. The story of St. Roch neighborhood hasn't counted out, as can be observed during our attempts before municipal bodies. For this reason our research was based almost entirely on narration of memories and Oral history, because we believe that these are some of the best mechanisms for understanding the history of a place and its people. The article was developed within the curricular component "in teaching and learning History", in the Centre of training of teachers, at the Federal University of Recôncavo da Bahia, Campus of Amargosa-BA, aiming to bring data regarding social transformations, policies, economic and structural subdivision in the course of the story, as well as their participation in the construction of the city of Amargosa. Methodologically we use the documental analysis, informal conversation and interview. As theoretical contribution in embasamos in Freitas (2002), Bosi (2003), Frochengarten (2005), Lomanto Neto (2007), Zorzo (2007) among others. Such studies, to leave this reality, revealed in the San Roque various transformations throughout history. It was possible then to understand the reality present this space more broadly.

Keywords: Oral history, Amargosa, Bairro São Roque.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa norteou-se por meio do dispositivo de pesquisa: história oral. Esta permite a expressão de saberes, informações e conhecimento dos atores envolvidos na comunidade. Segundo Freitas (2002, p. 27) trata-se de uma metodologia de trabalho “cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio de técnicas de

entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionada ao uso desse método”.

Enquanto que a narração de memórias de vida é norteada por uma metodologia de entrevistas com roteiro.

Uma entrevista com roteiro não pressupõe um questionário fechado, que imponha ao memorialista os interesses do ouvinte-pesquisador. Tampouco dispensa perguntas previamente elaboradas, o que arriscaria precipitar a narrativa em abstrações, estereótipias e associações pouco exigentes à memória e ao enfrentamento dos fenômenos. Uma entrevista com roteiro pretende estimular a comunicação do memorialista com vivências concretas e uma narrativa pessoal, em que não seja obstruído o fluxo de sua elaboração. Nesta medida, as questões devem exigir um relacionamento com a alteridade da experiência narrada e o enlace de lembrança e pensamento em uma mesma tarefa (FROCHTENGARTEN, 2004 apud FROCHTENGARTEN, 2005, p.375).

A pesquisa teve como base um estudo de campo desenvolvido através de visitas ao arquivo municipal, prefeitura, sede paroquial, escola do bairro, Associação de moradores, com o intuito de encontrar documentos referentes à formação sociocultural e estrutural do bairro São Roque. Além disso, utilizamos de fontes orais realizadas a partir de entrevistas com pessoas que residem no bairro, desde o surgimento das primeiras ruas, sendo um total de três entrevistas. A fim de manter o anonimato, os entrevistados desta pesquisa tiveram seus nomes preservados, sendo trocados pelos pseudônimos: Paraíso, Artista e Fuxico.

Os sujeitos entrevistados foram escolhidos mediante o critério de maior tempo vivendo no bairro. Essas pessoas são de classe popular, com idades entre 70 a 83 anos, sendo duas mulheres e um homem.

Os documentos encontrados foram a Ata das reuniões da associação Beneficente 2 de Julho, o PPP da Escola Professora Rosalina Souza Bittencourt e um projeto que visava proporcionar um diálogo entre poder público e a sociedade a respeito das situações de vulnerabilidade social, econômica, e, de violência doméstica contra as mulheres no município de Amargosa/BA, em especial no bairro São Roque.

Conforme Gil (2007, p.53): “O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos”.

Tomamos como referencial teórico, alguns estudos sobre a História Oral: Freitas (2002); Memória: Bosi (2003) e Frochtengarten (2005); Região de Amargosa: Lomanto Neto (2007) e Zorzo (2007), além de outros autores que discutem a temática.

A presente pesquisa teve como objetivo contribuir para aprofundar os estudos sobre o surgimento do bairro São Roque, perante o crescimento de Amargosa e bem como a dificuldade existente devido a inexistência de documentos a cerca do surgimento do bairro em destaque.

ENTENDENDO A HISTÓRIA ATRAVÉS DE RELATOS E DE MEMÓRIAS

Atualmente vivemos em um mundo indiferente onde a modernidade transformou o homem em um ser sem sensibilidade e sem memória, regido pelo capitalismo acirrado. Onde a era da informação trouxe ao ser humano um excesso de conhecimento que satura a forma de conhecer o mundo, o que implica a destruição de valores concretos.

Para se contestar é necessário valorizar a tradição, preservar a memória, o passado. Dessa forma, conhecer a vida de um povo é remontar a sua história, através da narração dos seus ascendentes. Ao narrar, o memorialista contextualiza através das suas lembranças, a tradição de seus ancestrais e de sua vida, mostrando quem ele é.

O passado narrado carrega uma opinião: uma lembrança é uma perspectiva sobre o vivido. Por meio dela o memorialista aparece aos demais. A arte de narrar envolve a coordenação da alma, da voz, do olhar e das mãos. É como que uma performance em que a palavra, associada à ação, permite ao homem mostrar quem ele é. (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 372).

Segundo Frochtengarten (2005), a arte de narrar representa um modo de participação dos homens no comando político, a memória oral erguer-se contra o isolamento do ser humano. Quando habita o palco compartilhado por narrador e ouvinte, o passado de um homem introduz-se no regime de inteligência de outros homens, e dessa forma aproxima-se do passado do grupo.

A memória é a forma de o homem manter-se vivo. Pois parte das suas vivências já foram extirpadas ao longo dos anos, seja com a ausência dos antigos companheiros, seja através das grandes mudanças ocorridas no seu espaço, motivadas pelos avanços tecnológicos e arquitetônicos.

Dispensados os antigos companheiros e desfeitas as paisagens, é por meio de uma escuta que o narrador encontra apoio para convocar o passado ao presente. Quando entrega suas vivências a um ouvinte, de algum modo libertando-se do fardo solitário do testemunho, um homem pode ouvir a si próprio e suturar suas reminiscências ao momento atual. A resistência da memória oral assenta sobre a necessidade de atribuir algum sentido de permanência à existência dos homens no mundo. (FROCHTENGARTEN, 2005, p. 374).

É através da memória que o homem incorpora o enraizamento. O homem enraizado conserva heranças do passado. Segundo Frochtengarten (2005), as heranças do passado podem ser transmitidas pelas palavras das pessoas mais velhas, através de um ensinamento, de uma sugestão prática ou uma regra. Podem ser transmitidas como bens materiais: a paisagem de uma cidade, a chão revolvido pelos ancestrais, a habitação por eles residida ou objetos que revivem feitos por velhas gerações. “Em outros termos, diríamos que a participação social do homem enraizado está assentada em meios onde recebe os princípios da vida moral, intelectual e espiritual que irão informar sua existência.” (FROCHTENGARTEN, 2005, p.368).

Segundo Frochtengarten (2005, p. 374) “a memória oral é condição promotora de enraizamento”, por meio dela o homem conserva e transmite sua herança, disseminando o conhecimento dos seus ancestrais. Fazendo a mediação entre passado e presente, na perspectiva da transmissão de valores, conteúdos etc.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem intermediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p.15)

Como já diziam um homem sem passado é um homem sem memória. Essa frase incita-nos a pensar sobre a importância da memória, quando se trata da preservação da cultura e do passado de um povo. Essa reflexão vai além, pois nos permite entender que a memória não se trata apenas de preservar artefatos antigos, ou qualquer outro material que insinue ser do passado, mas sim entender que se trata de arquivar as lembranças de um indivíduo, seus valores, suas crenças, suas tradições, permitindo assim que o memorialista viva em cada narração relatada por ele, como se a imortalidade fizesse parte de sua essência. Uma vida sem memória é como o vazio da existência.

“Narrar o passado deveria ser um direito estendido a todos os homens. Aqueles que partem sem ter o heroísmo de sua biografia reconhecido por um ouvinte deixam a impressão de ter morrido duas vezes. Uma vida é vivida quando narrada.” (FROCHTENGARTEN, 2005, p.374). A narração propicia ao narrador a arte da renovação. Pois cada vez que ele narra sua história, ele reelabora os fatos e as recordações, num processo evolutivo mental. Oferecendo ao ouvinte um discurso incompleto e indefinido sobre os fatos vividos, acrescentando mais elementos e informações a cada narração.

(...) a narração de memórias de vida propicia um trabalho de elaboração psíquica no qual reside outra razão para a ascensão da memória oral. Quando conta sua biografia, o memorialista não tem a oferecer um discurso completo e definitivo sobre o vivido. Uma narração é uma prática da linguagem em processo e que se renova a cada experiência de recordar, pensar e contar. (FROCHTENGARTEN, 2005, p.374)

Assim como a memória oral, também a História Oral tem revelado questões que antes eram obscuras a partir da investigação da realidade dos sujeitos, das suas ações e relações nas estruturas sociais.

Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estarão sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos",

contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON, 1992, p.135)

A História Oral começou a ser valorizada com a revolução da Escola dos Annales que impulsionou diferentes perspectivas de escrever e estudar a história, buscando constituir uma história que não estivesse preocupada com a apologia de príncipes e sim com os anônimos, com seu modo de vida, resgatando assim as experiências individuais.

De acordo com Portelli (1997) *apud* Rosa (2006, p.3) "A História Oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados; nela, a aderência ao fato cede passagem a imaginação, ao simbolismo."

Trabalhar com História oral possibilita os fatos e suas implicações no contexto em que elas acontecem, uma vez que as fontes orais fornecem subsídios para a compreensão das dinâmicas dos grupos bem como permite captar as vozes ocultas pelo saber oficializado.

(...) a opção pela História Oral possibilita o estudo da vida social das pessoas e ao trabalho com a questão do cotidiano, evidenciando a trilha da história dos cidadãos comuns em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente. (ROSA, 2007, p.4)

Debater sobre memória e História Oral possibilita refletir sobre o registro dos acontecimentos na voz de próprios autores. É uma forma de resistência ao progresso e às invenções tecnológicas que são algozes da vitalidade do passado e da cultura, ou seja, é através da memória e da história oral que o homem torna-se vivo a cada dia, perpetuando assim a história de seus antepassados.

Através do uso da memória e da história oral é possível resgatar a história de um determinado local. Pensando nisso, buscamos através desses mecanismos, utilizados pelos teóricos acima citados, compreender como se deu a história de Amargosa a fim de entender a formação do bairro São Roque.

BREVE HISTÓRICO SOBRE AMARGOSA

Para entendermos a história do bairro São Roque é preciso primeiro que conheçamos o cenário no qual se encontrava a cidade de Amargosa nesse período. Pensando nisso faremos um breve apanhado da história desse município.

Segundo Brasileiro (1978) Amargosa surge a partir da peregrinação de fieis que iam à busca da Missão de Frei Luiz no arraial de Milagres. Estes faziam pousada à sombra de um pé de sapucaia, local onde matavam pombas amargosas para se alimentarem. Surge assim a ideia de voltar e fixar moradia nessas terras tão férteis. A partir daí vão se instalando novos moradores, e estes vão derrubando as matas para plantação de fumo, cana-de-açúcar e café, este último se tornaria anos mais tarde, a principal atividade econômica.

A instalação oficial da Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa ocorreu em 5 de fevereiro de 1877. Nesse período, deu-se um crescimento vertiginoso da vila, decorrente do comércio com o sertão e da produção do café e do fumo, boa parte exportada para a Europa. Em 19 de junho de 1891, aconteceu o ato de criação que elevou a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa à categoria de cidade, passando a se chamar apenas Amargosa. O nome desta cidade teve origem na caça das pombas de carne amarga que faziam parte da fauna local, e que atraía caçadores da região, através do convite: “vamos às amargosas”. No dia 2 de julho de 1891 aconteceu a sessão solene que executou o ato de criação, assinado pelo então governador do estado da Bahia, Dr. José Gonçalves da Silva. (LINS, 2008, p.68).

Alguns moradores se instalaram na cidade fugindo da seca que assolava o Nordeste, outros influenciados pelos primeiros moradores e pela prosperidade econômica. A produção e exportação de café crescem absurdamente o que faz com que se tenha necessidade de um meio de escoamento mais ágil do que as existentes. Daí tem-se a iniciativa do prolongamento da estrada de ferro Nazaré fazendo uma ligação entre a cidade de Amargosa ao porto de Nazaré.

De acordo com Neto (2007, p.154): “(...) o município de Amargosa, era de domínio dos índios Sapuyás e dos Caramurus, posteriormente denominados Karirís, ambos

pertencentes à família linguística Kariri”. Com a chegada dos primeiros agricultores descendentes de portugueses a região, o pequeno povoado teve um intenso desenvolvimento. Gonçalo Correia Caldas se instalou na antiga Santa Casa de Misericórdia, onde hoje fica localizado o CAPS¹, se tornando um ilustre fazendeiro da região.

Segundo Lomanto Neto (2007) diversos fatores cooperaram para a formação do povoado dentre 1825 a 1830, como: “(...) a ocupação das terras mais a oeste de Nazaré e Santo Antônio de Jesus; a busca de minérios e pedras preciosas; o caminho para o sertão; e o plantio do café e fumo na região recém-desbravada”. (p.153). Com a construção de uma capela e de um cemitério o crescimento do povoado se intensificou ainda mais.

De acordo com Lomanto Neto (2007, p. 153) a formação de Amargosa desde sua formação apresentava grande influência da igreja católica:

Com a formação do povoado, por volta de 1825 a 1830, surgiu a necessidade de um cemitério local, diante da dificuldade do sepultamento dos mortos, que era realizado na freguesia de São Miguel, a mais de 16 km de distância. O local do cemitério foi marcado por um cruzeiro, que aos domingos e dias santos se transformava em um ponto de manifestação das primeiras devoções públicas desse povo eminentemente católico. Por volta de 1840, o cruzeiro foi substituído por uma capela, construída pelas famílias de Gonçalo Correia Caldas e Francisco José da Costa Moreira.

Em 1855 com o intenso crescimento do pequeno povoado este foi elevado à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho, sendo elevada a categoria de vila em 1877, passando a ser nomeada Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Devido o crescimento desenfreado no dia 19 de junho de 1891, a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho passou a categoria de cidade, recebendo dessa forma o nome “Amargosa”. Conforme Lomanto Neto (2007) o nome originou-se devido à existência de um grande número de pombas na região, sendo assim a origem do nome da cidade teve como intuito homenagear as pombas.

¹ O CAPS(Centro de Atenção Psicossocial) dá suporte à pessoas com necessidades psicológicas especiais tais como esquizofrênicos. No CAPS são desenvolvidas vários tipos de oficinas e atividades educativas a fim de favorecer um bem estar a seus usuários.

Com a chegada da Estrada de Ferro em 1892, Amargosa obteve grande progresso econômico devido à intensa produção de café e fumo na região. A estrada de ferro possibilitava a comercialização dos produtos cultivados, o trem tornou possível o escoamento do café para a Europa, mantendo assim intensas transações.

A emergência da ferrovia, a constituição do território ferroviário e a sua supressão foram passos decisivos para o crescimento de Amargosa. Do ponto de vista territorial, a incorporação de Amargosa à rede de cidades baianas conectadas pela ferrovia e sua participação na constituição de um modo de vida urbano no s. XIX... (ZORZO, 2007.p.87).

Existiam armazéns que eram responsáveis por exportar esses produtos, sendo que a maioria desses armazéns tinha filial na França. Com o passar do tempo outras plantações foram sendo desenvolvidas na região, no entanto não com o mesmo êxito do café. Com o crescimento da produção de fumo instalou-se na cidade uma fábrica de charutos, mas o principal produto comercializado continuou a ser o café devido sua alta produção, sendo assim Amargosa passou a ser chamada de “Pequena São Paulo”, pois passou a ser um foco de desenvolvimento econômico na região.

Com o plantio do café e do fumo, que possibilitaram o fortalecimento da economia, o crescimento do município se deu de forma bastante intensa. O café e o fumo eram cultivados em grande quantidade, pois era exportado para fora do país.

Com o apoio dos devotos e devido ao intenso poder econômico criou-se na cidade, a Diocese de Amargosa em 1940, sendo a 6ª Diocese da Bahia do período, para a efetivação da construção da catedral de Nossa Senhora, trouxeram técnicos da Europa para esculpir o teto da igreja. A igreja católica teve grande influência na formação do município de Amargosa desde a vinda dos primeiros colonizadores.

Conforme Lomanto Neto (2007, p.156): “A década de 30 do século passado foi marcada pelas construções de grandes obras, marcas do passado onde a riqueza da região era ostentada junto com os grandes casarões.” Com a crise do café em 1930 a economia do município enfraqueceu.

Não diferente da formação de Amargosa, é a formação do bairro São Roque, por onde passava a linha ferroviária Tram-Road Nazaré.

RECONTANDO A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO ROQUE

O bairro surgiu a partir do loteamento de posses de uma fazenda de propriedade do senhor João Paraíso². As primeiras ruas foram a Rua de Palha, que ganhou esse nome pelo fato de que as casas eram feitas de adobe e cobertas de palha, e a Rua dos Artistas, conhecida assim por nela habitarem vários artífices. Segundo Artista “As casas eram pequenas. As da rua de palha eram cobertas com palha, depois que calçou ai colocaram o nome Dois de julho”.

A Rua de Palha, que mais tarde recebe o nome de Rua 2 de Julho, em homenagem ao dia em que Amargosa foi elevada à categoria de cidade. Era um local muito humilde, onde as condições de infraestrutura eram precárias, não tinha saneamento básico, água encanada nem energia elétrica. A rua, segundo relatos de moradores antigos, tinha duas ladeiras muito íngremes que somente após muitos anos foi rebaixada com auxílio de uma máquina própria para esse tipo de serviço.

Ainda na Rua 2 de Julho, foi fundada, no 24 de outubro de 1967, a Associação Beneficente 2 de Julho, situada na casa do senhor Arlindo Pereira de Souza, presidente da associação, que viria a doar o terreno onde está locada a sede da referida associação. Esta associação se propôs a desenvolver “projetos” para a melhoria do bairro. Tratava-se de proporcionar momentos em que se pudessem ter cursos de arte culinária, manter atividades recreativas tais como, dança, música, pintura, poesia e arte cênica, além de promover práticas educativas a fim de proporcionar o bem comum.

Essa associação era composta por moradores do bairro, que pagavam uma mensalidade e tinham direitos como, por exemplo: auxílios funerário, médico, farmacêutico, dentário e hospitalar. Em 04 de outubro de 1985 a Associação Beneficente 2 de Julho, é reconhecida pelo então prefeito Josué Sampaio Melo, como utilidade pública, o que faria com que fosse possível conseguir alguns benefícios advindos do Poder Público.

Ainda nos dias de hoje, a Associação Beneficente 2 de Julho, desenvolve atividades recreativas no bairro, tais como a Batucada no carnaval e o quebra pote no dia 2 de julho. Vale mencionar que essas manifestações (Batucada Dois de Julho, sob direção do senhor Adalberto e Batucada Aurora, sob a direção do senhor Tide) já existem aproximadamente desde a década de 1970.

² O bairro surge primeiro com o nome de Fazendinha, depois fica com o nome Paraíso, em homenagem a João Paraíso.

Quanto aos componentes destas Batucadas, sabe-se que, por serem originárias de ruas “proletárias”, como designou o Sr. Clóvis 233 ao se referir à Rua de Palha, pode-se afirmar que eram formadas pela classe trabalhadora de Amargosa. (...) Nesta rua existiram as Batucadas “Aurora” e a “Dois de Julho”. Visualmente o perfil racial que prevalecia (...) eram de negros e mestiços. (...)As Batucadas eram espaços de formação musical e o Sr. Adalberto,(...), formaria mais tarde, em finais dos anos 1960, a Batucada “Dois de Julho”. Existe a possibilidade desta ter sido a mesma Batucada “Aurora” que poderia ter mudado de nome. Pois tanto a Batucada do “Negro Tide”, quanto a de Adalberto, eram provenientes da “Rua Dois de Julho”, popularmente conhecida por “Rua de Palha”. (MARQUES, 2012, p. 109).

A Rua dos Artistas era muito visitada por estudantes, viajantes e feirantes que vinham de outros municípios, com a finalidade de conhecer o prostíbulo. Este abrigava as meninas das cidades próximas que eram desonradas, e os pais às expulsavam de suas casas.

Segundo Paraíso “na época que surgiu tinham pessoas que se revoltaram, mas não tinha o que fazer o bordel já teve muito movimento”. Fuxico relata que quando veio orar no bairro o prostíbulo “já existia, pertencia a um policial e foi passando de um pra outro, mas nunca atrapalhou a gente não”.

O prostíbulo, que ainda hoje se localiza na Rua dos Artistas, teve início na Rua de Palha. Fundado por um soldado conhecido por “João Berga”, alguns anos depois mudou de dono e passou a se fixar na Rua dos Artistas. Mesmo tendo uma infraestrutura de qualidade inferior, o prostíbulo continua funcionando e ocupa quase 50% da extensão da rua.

Retomando a criação do bairro, surge a pequena Igreja de São Roque que, segundo contam os antigos moradores, essa foi a segunda igreja católica instalada na cidade. Relatam ainda que no lugar onde hoje é a igreja, antes era uma casa que foi abandonada, e com os anos foi se deteriorando, ficando completamente em ruínas. Até que o PE. Almiro e PE. Dom Florêncio resolveram juntamente com a comunidade erguer a capela.

Além disso, segundo os moradores, antes de erguerem a capela no bairro, a festa de São Roque, era comemorada em Diógenes Sampaio, e desejosos de que a comemoração fosse feita no bairro, fora construída a igreja. Atualmente a festa de São Roque, que acontece no mês de Agosto, é comemorada tanto no bairro São Roque, quanto no distrito de Diógenes Sampaio.

Próximo a Igreja de São Roque localizava-se a lavanderia comunitária do bairro. Antes da construção da lavanderia, as mulheres do bairro, que lavavam roupas de outras pessoas para complementar a renda de suas casas, lavavam roupa diretamente na fonte, localizada a poucos metros da igreja. Além disso, por não ter água encanada nas casas, todos consumiam a água dessa fonte para os mais diversos fins.

Paraíso afirma que: “quando eu vim morar aqui a lavanderia já existia. Fizeram a lavanderia por que não tinha água encanada aí as pessoas vinham lavar roupa aí. Era uma pobreza de se dá dó”. Fuxico declara:

Eu não me lembro de como surgiu e porque construíram. Eu lavava roupa na fonte, depois passei a lavar na lavanderia, e as vezes em casa. Depois que me casei parei de lavar roupa na lavanderia. Antigamente possuía cisterna, as pessoas carregavam água no pote e em latas.

Com o passar dos anos, foi construída uma caixa d’água nessa fonte, e foi erguida também a lavanderia comunitária. Segundo relatos, a água usada na lavanderia vinha dessa caixa d’água localizada numa área de pastagem que ainda existe no bairro. Como a bomba hidráulica que puxava a água dessa caixa d’água para a lavanderia era fraca, a água ficava gotejando o que fez com que trocassem esse fornecimento de água da caixa d’água para uma fonte localizada no Timbó.

Por muitos anos, essa lavanderia foi um meio de sustento para muitas famílias que dela se beneficiaram. No entanto, no dia 21 de agosto de 2012, em meio a protestos dos moradores do bairro, a lavanderia foi demolida para dar lugar à criação de uma creche. Poucos metros do local da antiga lavanderia foi construída outra, de pequeno porte que comporta apenas seis pias.

Durante a manhã desta quinta-feira (05), dezenas de moradores do Bairro São Roque se reuniram em frente à Lavanderia pública que fica localizada no bairro, para impedir que houvesse a demolição do imóvel, que de acordo com as informações passadas pelos moradores, estava prevista para acontecer hoje. Os moradores do Bairro São Roque falaram sobre a importância histórica da lavanderia que existe há mais de 50 anos. “A lavanderia existe desde quando o bairro ainda era chamado de Bairro da Fazendinha”, afirmou um manifestante. O espaço tem um histórico de

manifestações culturais onde as antigas lavadeiras do bairro ganhavam seu dinheiro e cantavam samba de roda, relata alguns dos presentes. Segundo os moradores do Bairro São Roque, a Prefeitura pretende construir uma creche no espaço onde funciona a Lavanderia. (GOMES, 2012, p.01).

Em frente à lavanderia havia dois banheiros públicos que os moradores utilizavam para tomar banho. Hoje em dia existe uma venda no local. Há poucos metros da lavanderia e desses banheiros, passava a linha ferroviária. Moradores foram construindo suas casas ao redor da linha do trem. A rua hoje conhecida como Avenida Antônio Carlos Magalhães, era chamada de Rua da Linha.

Na revista da comemoração do centenário de Amargosa, Leite (1991, p.26) afirma que: “Não nos foi possível identificar fontes consultadas o período exato em que deixaram de circular os trens pelo ramal de Amargosa, nos permitindo supor tenha isto se dado após as chuvas torrenciais da década de 60”.

Por alguns anos os trilhos permaneceram na Rua da Linha, no entanto, onde passava o “Tram-Road à Vapor de Nazaré” (mas tarde denominada Companhia Ram-Road Nazaré) foi construída um canteiro com belíssimos Flamboaiãs e flores de Jasmim azuis que circundam canteiro e vão do início ao fim da Avenida Antônio Carlos Magalhães.

Além dessas três ruas (Rua de Palha, Rua dos Artistas e Rua da Linha), existia também o largo do Paraíso, que possui um pequeno jardim recentemente reformado pela prefeitura. A Rua do Quebra Viola que segundo relatos tem esse nome porque as pessoas se reuniam para tocar viola e algumas vezes os bêbados faziam confusão acabando com a diversão. A Rua 15 de novembro recebeu esse nome em homenagem à Proclamação da República. O Beco do Fuxico, que faz a ligação entre as Ruas de Palha e dos Artistas, dizem que recebeu essa denominação devido aos moradores fazerem fofocas entre eles. Esse beco, atualmente, chama-se Segunda Travessa da Rua dos Artistas e possui poucas casas. E por fim o Beco do Piolho, que segundo consta leva esse nome pelo fato de que as mães sentavam-se nas portas de suas casas e ficavam a catar piolhos nas cabeças de seus filhos.

Próximo à Igreja de São Roque, foi construído um pequeno prédio onde se instalou o anexo da Escola Professora Rosalina Souza Bittencourt. Nessa escola estudaram praticamente todos os jovens do bairro. A escola leva esse nome em homenagem a esta

professora que lecionou por vários anos nesse lugar e que falecera ainda muito jovem. Esta escola oferta ensino da Educação Infantil ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino e no noturno atende a EJA. Fuxico afirma que “o prédio já existia, eu tenho um amor danado, como se fosse minha casa. Meus filhos tudo estudou aí”.

O bairro, no seu surgimento, destoava um pouco do cenário econômico de Amargosa, uma vez que esta vivia o apogeu econômico chegando a ser denominada “A pequena São Paulo”. Os moradores do bairro São Roque viviam de forma precária.

A história econômica de Amargosa, fala de uma época de grande prosperidade e riqueza que viveu a região, quando o município obtinha elevada produtividade na lavoura cafeeira aliada à de fumo. Possivelmente, dos fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX, apesar dos métodos rotineiros e empíricos que ainda se empregam na lavoura, o café, hoje decadente, foi o principal produto da região de Amargosa (SANTOS, 1963: 7 *apud* REBOUÇAS, 2012, p.6).

A maioria dos homens trabalhava na agricultura de café e nos armazéns de fumo. Para complementar a renda, as mulheres e as crianças trabalhavam destalando³ o fumo trazido do armazém da COPATA que ficava localizado nas proximidades da estação ferroviária do centro da cidade (local onde hoje se encontra o Gourmet Hall e o Bar Segunda Chamada).

O entrevistado Fuxico relata que:

Era difícil. Eu trabalhava no armazém da COPATA, eu e meu marido, vinha fumo de toda região. Foi lá que assinaram minha carteira, cada ano assinava a carteira, três, quatro meses no ano, ai depois a gente ficava desempregado esperando chamar de novo. Era difícil mesmo para criar tantos filhos como eu criei.

Com a decadência dos armazéns de fumo, que foi por muito tempo uma moeda forte em nossa economia, aumentou o desemprego principalmente para as mulheres que

³ Destalar o fumo consistia em retirar o talo da folha seca do fumo. As destaladeiras de fumo eram responsáveis apenas por esse processo na produção do fumo.

fabricavam charuto artesanal em casa e beneficiavam fumo nos armazéns. Atrelado a isso houve um momento de declínio na economia de Amargosa ocasionada pela crise do café.

Com a Crise de 1929, a situação da economia cafeeira entrou em colapso no país e o comércio do café, nas décadas seguintes, sofreu quebras em cadeia (redução dos preços, demanda insuficiente, falências e concordatas, entre outros), advindos de uma estagnação mundial. E no plano local, o problema nas exportações trouxe transtornos à economia que produzia em grande escala para outros países. (REBOUÇAS, 2012, p, 7).

Com o desenvolvimento da cidade de Amargosa e as secas que atingiam o Nordeste, houve crescimento desordenado de moradias, fazendo surgir novas ruas e aumentar o tamanho da população neste bairro. Atualmente o bairro conta com dez ruas e mais três loteamentos que fazem ligação com os bairros São Cristóvão e São José.

Além disso, existe no bairro, localizado na Avenida Antônio Carlos Magalhães um Posto de Saúde da Família (PSF). Neste PSF tem atendimento médico, odontológico, além de serviços de enfermagem, vacina, curativo, farmácia e outros serviços especializados, proporcionados por psicóloga, fisioterapeuta, fonoaudióloga etc..

Em vistas do que era o bairro São Roque este se modificou significativamente. No que diz respeito à infraestrutura, as casas possuem uma estrutura moderna, todas com energia elétrica, água encanada, a maioria das ruas possui sistema de esgoto, as ruas são bem iluminadas. Somente onde surgiram novos loteamentos é que as condições de infraestrutura ainda são precárias.

“A vista aquele tempo tá tudo mais ou menos, a pobreza daquele tempo era demais, com esse prefeito aí mudou 50% a cidade”, relata Artista.

Vale ressaltar que ainda existem moradias com a construção original datada do surgimento do bairro. No que diz respeito ao lazer, não existem opções para os jovens se divertirem (apenas a Batucada Dois de Julho, que ainda acontece durante o carnaval).

Os moradores que chegaram ao bairro São Roque vieram em busca de melhores condições de vida e trabalho nas fazendas existentes na região e posteriormente por causa do armazém que na cidade se instalou, foram surgindo também algumas casas comerciais e alguns serviços básicos como: escola, padaria, bares etc.

À medida que o bairro crescia, os serviços básicos e o comércio foram crescendo na mesma proporção, já que o forte comércio ficava centralizado no centro da cidade e ficava um pouco distante para suprir as necessidades dos moradores. Sendo assim casas comerciais começaram a surgir no bairro.

Dessa forma nota-se que na medida em que a população vai aumentando, no bairro vai se instalando serviços básicos, comércio e lazer. Logo, este processo ocorre desde o surgimento do bairro até os dias atuais de acordo com o desenvolvimento do bairro.

O aumento do bairro gera uma demanda de serviços, comércio e lazer, possibilitando a oferta de empregos, opções de compra, escola e até mesmo a valorização do bairro. Vale ressaltar que esse aumento populacional do bairro além dos pontos positivos pode provocar também pontos negativos como drogas, violência etc.

Como em todo território brasileiro, o bairro São Roque sofre com a epidemia do Crack e de outras drogas. Grande parte dos jovens desse bairro está envolvida de alguma forma com essa peste que vem devastando a juventude amargosense. Atrelado a isso, a falta de policiamento também é um grande problema neste local.

Segundo Paraíso:

Modificou em relação ao silêncio, com o aumento da população. Eu nem gosto de falar da juventude por causa desse movimento que tá acontecendo hoje. Antigamente não via essas coisas estranhas (drogas), o jovem querendo se acabar. A gente tem até pena.

Porém, o que se pode notar é que existe uma visão deturpada em relação ao bairro, visão esta que vem arraigada nas mentalidades das pessoas desde o surgimento desse local até os dias atuais. Pessoas que desconhecem a história do lugar e dão-se por satisfeitas apenas com comentários preconceituosos, uma vez que por possuir um prostíbulo; ser composto em sua maioria por pessoas humildes trabalhadoras e sofrer com o uso de drogas entre alguns de seus jovens, é visto como um lugar de marginais, de pessoas desocupadas que ficam à espera apenas de programas sociais como as mais diversas “bolsas” oferecidas pelo governo.

Para se compreender as relações existentes no presente é preciso que se compreenda o seu passado, o processo de construção e transformação sofrido ao longo dos anos por este local e pelas pessoas que nele habitam.

CONCLUSÃO

Durante a pesquisa, foi possível perceber que muito pouco se tem falado sobre a história do bairro São Roque. Registros escritos não existem, ou pelo menos não encontramos. Na verdade o que deixa transparecer é que a memória do povo tem-se perdido com os anos, haja vista que pouco se tem registrado e que as pessoas que fizeram parte da gênese desse lugar em sua grande maioria já faleceram. A única parcela de pessoas que puderam nos dar informações a cerca do bairro, não moravam lá na época do surgimento.

No entanto, os moradores desse bairro demonstram um sentimento de pertença e discursam com nostalgia sobre o passado do lugar. Em muitos relatos, foi possível perceber que a simplicidade daquele tempo é o que mais faz falta a essas pessoas quando relatam que era muito agradável viver nesse lugar, onde não havia preocupações em relação à segurança, aspecto que hoje vem se modificando devido aos avanços sofridos em todas as sociedades contemporâneas.

Além disso, o bairro São Roque sofre com epidemia do crack entre os jovens, epidemia sofrida por praticamente todos os bairros do município de Amargosa e até mesmo de todo o Brasil. Infelizmente essa é uma triste realidade dos jovens, mas que não é algo peculiar do bairro.

O que pode ser notado, contudo, é que nos documentos encontrados existe um enorme preconceito em relação a este lugar, acreditamos que este preconceito muito se dá pelo fato de ser um local onde a maior parte de seus moradores é de classe social baixa. Todavia, entendemos que esses documentos só reforçam o preconceito vivido diariamente por essas pessoas, uma vez que estes documentos retratam uma visão estereotipada dos sujeitos dessa comunidade.

É preciso que existam mais pesquisas voltadas a conhecer as histórias de lugares como o Bairro São Roque, conhecer a história do ponto de vista de quem a vive e não do ponto de vista de quem está de fora e que por não entender os processos existentes neste lugar acaba por fornecer informações equivocadas e distorcidas.

O poder público precisa desenvolver atitudes que tenha como objetivo a preservação da qualidade de vida de seus moradores, e redirecionar o desenvolvimento do bairro de forma mais ordenada. Pois, caso contrário, o declínio da qualidade de vida e o crescimento desordenado continuarão ocorrendo.

Por fim, a condução da pesquisa se deu na perspectiva de conhecer mais profundamente a história do Bairro São Roque, bem como a sua importância para o município de Amargosa. Tal entendimento sustentou-se na experiência feita da interação constante entre pesquisadores e moradores mais velhos do bairro em questão. Tal interação nos permitiu conhecer as vivências do povo, suas peculiaridades e sua cultura. Tentamos mostrar tais especialidades, não como separadas da cidade de Amargosa, mas vinculadas como um conjunto.

O estudo da história de um pequeno local pode ser muito mais do que parece a princípio, ou seja, o estudo do simples, do menor permite entender a vida de um povo com suas particularidades. É importante frisar que as possibilidades de estudo do bairro, na sua totalidade, são tão vastas e complexas que aqui procuramos abordar apenas alguns aspectos dessa extensa obra. Procuramos mostrar que essa história local não somente está contida na história mais ampla da cidade de Amargosa, mas também contém a sua própria história de bairro, revelando a cada momento, peça importante da majestosa Cidade Jardim.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fml11kv9qVIC&oi=fnd&pg=PA13&dq=memoria+social&ots=imdCkesvyk&sig=Uw8LSXjUwA99becd87T_FhfhQU8. Acesso em 16 de outubro de 2012.

BRASILEIRO, Antonio Martins. **À Sombra do Jequitibá**. Revista Amargosa Cidade Jardim. 1ª Exposição Agropecuária de Amargosa, 1978.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2ª Ed.-São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006

_____, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 115 p.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A memória oral no mundo contemporâneo**. Estud. av., São Paulo, v. 19, n. 55, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2012

GIL, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. ed. – 10. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Eduardo. **Amargosa: Moradores do bairro São Roque protestam contra demolição da lavanderia pública**. Amargosa News. Amargosa, 2012

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 10, n. spe, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 out. 2012.

LEITE, José Francisco O. **A linha Federal**. Revista Amargosa Centenária. 1991

LINS, Robson Oliveira. **A região de Amargosa: transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos)** / Robson Oliveira. - Salvador, 2008.

MARQUES, Edcarla dos Santos. **Uma história social dos carnavais de Amargosa: Métodos de brincar e os “Cão”, 1940-1980**. Feira de Santana, 2012. Dissertação (Mestrado) pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

NETO, Raul. **A “Região de Amargosa”: Olhares Contemporâneos**. In: GODINHO, Luis Flavio Reis; SANTOS, Fábio Josué de Souza. Recôncavo da Bahia: Congresso de Pesquisadores do Recôncavo Sul. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2007.

REBOUÇAS, Jaqueline Argolo. **Uma “Pequena São Paulo” no interior da Bahia: Memórias da cidade de Amargosa**. Dissertação (Mestrado) pela Universidade Estadual da Bahia. 2012.

ROSA, Helena. **História Oral e Micro-História: aproximações, limites e possibilidades**. In: Portal CFH. IV Encontro Regional Sul de História Oral - anais eletrônicos - Nº 01 / 2007. Disponível em <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf>> acessado dia 06-10-2012.

THOMPSON, P.. **A voz do passado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992. Disponível em <<http://www.patio.com.br/labirinto/voz%20do%20passado.html>>. Acesso em 06 de outubro de 2012.

SANTOS, Fábio Josué de Souza. Recôncavo da Bahia: Congresso de Pesquisadores do Recôncavo Sul. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2007.

ZORZO, Francisco Antonio. **Transporte e desenvolvimento urbano-regional: um estudo de Amargosa e da estrada de ferro de Nazaré**. In: GODINHO, Luis Flavio Reis.